Proteger as Pessoas e o Planeta

Colocar as pessoas no centro da ação climática

Outubro 2022

Sobre o CDP

O CDP é uma organização global sem fins lucrativos que opera o sistema mundial de divulgação ambiental para empresas, investidores, autoridades públicas, cidades, estados e regiões. Mais de 14 mil organizações em todo o mundo divulgaram seus dados por meio do CDP em 2021, incluindo mais de 13 mil empresas, representando um valor de mais de 64% da capitalização de mercado global, e mais de 1.200 cidades, estados e regiões. Totalmente alinhado com a TCFD, o CDP detém o maior banco de dados ambientais do mundo, e suas pontuações são amplamente utilizadas para impulsionar decisões de investimento e aquisições em vista de uma economia sustentável, resiliente e de zero carbono. Visite cdp.net ou siga-nos em @CDP para saber mais.

Este relatório foi criado utilizando-se os dados enviados ao CDP pelas cidades por meio do CDP-ICLEI Track em 2022. Até 16 de agosto de 2022, 998 cidades concluíram seu monitoramento de informações, e estas serviram como base para a elaboração deste relatório. Nossos conjuntos de dados de código aberto sobre cidades, estados e regiões pode ser baixado gratuitamente no nosso Portal de Dados Abertos.

Para obter mais informações sobre a divulgação anual, visite a página de Cidades do nosso site.

Sumário

04 Prefácio

05 Principais resultados

07 O planeta: Como as populações das cidades são impactadas pelas mudanças climáticas

12 As pessoas: Colocar as pessoas no centro da ação climática

18 Estudos de casos

25 Chamadas para a ação

Aviso importante

Este relatório pode ser utilizado por qualquer pessoa, desde que o CDP receba os créditos por ele. Isto não representa uma licença para remodelar ou revender qualquer um dos seus conteúdos sem a permissão expressa do CDP e do ICLEI.

O CDP preparou os dados e as análises deste relatório com base nas respostas ao Questionário de Cidades de 2022.

Todas as informações e pontos de vista aqui expressos pelo CDP se baseiam no seu julgamento no momento deste relatório, e estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os comentários dos convidados, quando inclusos neste relatório, representam os pontos de vista dos seus respectivos autores; sua inclusão não é um endosso a eles.

Qualquer referência a uma "cidade" no relatório se aplica a qualquer entidade que tenha enviado dados por meio do Questionário de Cidades de 2022 no CDP-ICLEI Track. A análise contém dados de cidades ou, em alguns casos, grupos de cidades em diferentes níveis administrativos que divulgaram suas informações em 2022. Isso inclui áreas metropolitanas, autoridades combinadas e alguns conselhos regionais.

Por "CDP", entende-se o CDP Worldwide, uma instituição de caridade registrada com o número 1122330 e uma empresa limitada por garantia registrada na Inglaterra com o número 05013650.

© 2022 CDP Worldwide. Todos os direitos reservados.

Prefácio

O ano de 2022 demonstrou o impacto devastador das mudanças climáticas para as pessoas. Ao colocar as pessoas no coração da ação climática, as cidades podem se tornar lugares mais saudáveis, mais prósperos e mais inclusivos para seus habitantes.

Não houve um dia neste ano em que você ligou o noticiário, abriu o jornal ou ouviu a um podcast sem encontrar cenas realmente chocantes de destruição e devastação resultantes de calamidades causadas pelas mudanças climáticas. Cenas para as quais os termos "sem precedentes", "o pior de todos os tempos" e "pela primeira vez na História" dizem pouco para exprimir todo o impacto do aumento das temperaturas e das emissões cada vez maiores de gases de efeito estufa.

Veja os devastantes incêndios de verão na Europa e a mortal onda de calor da primavera na Índia, que alcançou quase 50 °C. Observe as piores inundações de que se há memória na Austrália e no Paquistão e as catastróficas enxurradas na África do Sul. Ou pense em um dos mais mortais deslizamentos de terra da História do Brasil ou nos nove desastres climáticos nos EUA neste ano, que já somaram prejuízos de US$ 9 bilhões[1]. Uma coisa é clara: a impressionante escala dos maiores problemas do mundo está crescendo ainda mais.

Com base nas evidências compartilhadas com o CDP e o ICLEI, podemos notar que as cidades do mundo se encontram na linha de frente das mudanças climáticas. Elas são o lar de mais de metade da população mundial, de pessoas que estão sentindo nas suas vidas os efeitos reais e crescentes de um planeta que se aquece. Para dar um exemplo, nosso relatório demonstra que quase um terço das cidades participantes está exposta a perigos climáticos significativos que ameaçam mais de 70% da sua população.

Métricas climáticas complicadas e debates políticos complexos sobre um futuro sustentável muitas vezes podem parecer muito distantes das vidas diárias das pessoas. Aqueles dentre nós que trabalham no setor da sustentabilidade não devem se esquecer de que são as pessoas que se encontram no âmago da necessidade de nos mantermos dentro de um aumento de 1,5 °C das temperaturas globais – e que é necessário não só proteger suas vidas e seus meios de subsistências, mas também melhorá-los.

Neste relatório, mostramos que as cidades que mantêm o foco das suas ações climáticas nas pessoas – levando em consideração suas necessidades, em especial as dos grupos vulneráveis, e colocando-as no centro das suas avaliações, definições de metas, planejamentos e implementação – não só fazem progresso no seu percurso para 1,5 °C, mas recebem uma série de outros benefícios, de uma melhor saúde pública e mais geração de empregos a uma inclusão social mais profunda. Esses benefícios fazem das cidades lugares mais saudáveis, mais felizes e mais inclusivos para se viver, trabalhar e investir, como deixa claro o mais recente relatório do IPCC[2]. Contudo, nem todas as cidades podem adotar uma abordagem centrada nas pessoas, assim, é necessária uma mudança na abordagem do combate às mudanças climáticas, combinada com um maior suporte e mais investimentos.

A amplitude do aquecimento futuro depende de como o mundo age agora para reduzir as emissões – devemos parar de emitir gases de efeito estufa para desacelerar o aquecimento. Um modo eficiente de cumprir os compromissos assumidos na COP26 em Glasgow, no ano de 2021, é que as cidades olhem mais de perto o modo como as pessoas se conectam à ação climática. Muitas vezes, as cidades abrem os caminhos da ação climática monitorando dados ambientais, definindo metas baseadas na ciência e executando ações tangíveis e eficientes. Com as pessoas na dianteira e no centro das políticas, essa ação colherá ainda mais benefícios e criará um futuro mais sustentável para as pessoas e o planeta. Agradecemos a todas as cidades que estão trabalhando tão arduamente para realizar uma ação climática significativa, e mal podemos esperar para lhes dar suporte nos anos que vêm pela frente.

Maia Kutner
Diretora Global Interina do CDP para Cidades, Estados e Regiões

Maryke van Staden
Diretora do carbon*n* Climate Center do ICLEI – Governos Locais para a Sustentabilidade

1. National Centers for Environmental Information
2. Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas, Sexto Relatório de Avaliação (Resumo para os Formuladores de Políticas), 2022

Principais resultados

Com base nas respostas de 998 cidades ao Questionário de Cidades de 2022 no CDP-ICLEI Track

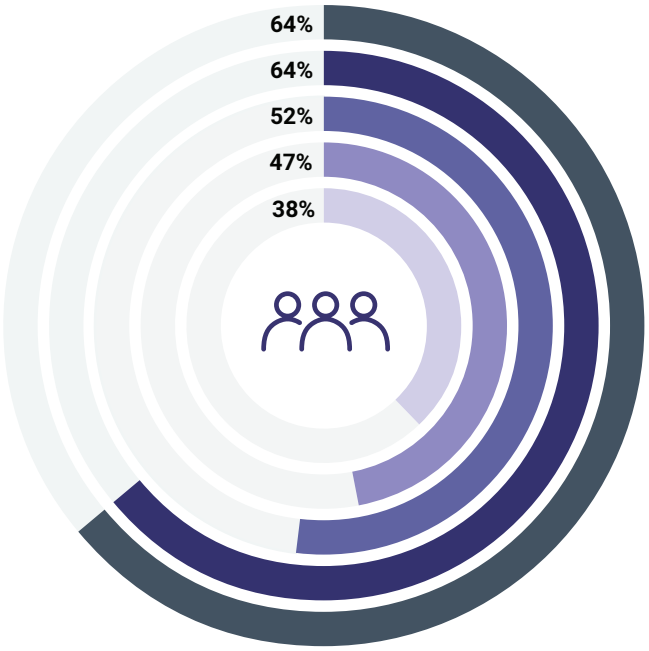
Quatro em cada cinco cidades (80%) estão enfrentando perigos climáticos significativos, como:

Calor extremo (46 %), estiagens (35%) e inundações (33%)

Quase uma em cada três cidades (28%) está enfrentando perigos climáticos significativos que ameaçam **mais de 70% da sua população**

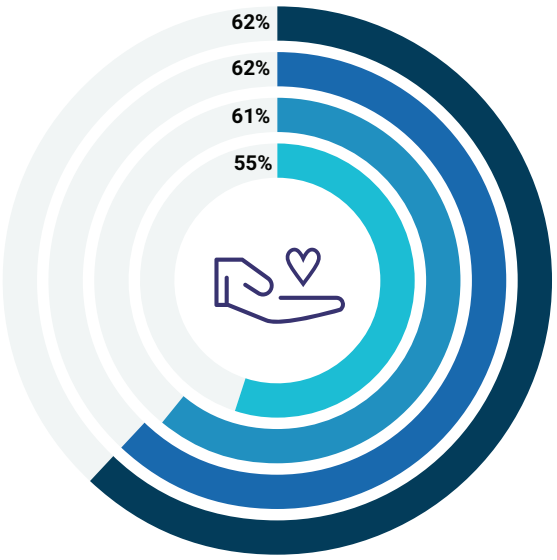
Um quarto das cidades (25%) enfrentam um perigo de alto risco, como calor extremo, que, segundo suas previsões, **aumentará em intensidade e em frequência até 2025**

As cidades identificaram grupos vulneráveis, como:



- Os idosos
- Famílias de baixa renda
- Crianças
- Comunidades marginalizadas e minorias
- Grupos de saúde vulnerável

As cidades estão identificando cobenefícios ao adotarem a ação climática:



- Identificam benefícios para a saúde pública (por ex., uma melhor qualidade do ar)
- Identificam benefícios sociais (por ex., maior inclusão, igualdade e justiça sociais)
- Identificam benefícios econômicos (por ex., geração de empregos)
- Identificam benefícios ambientais (por ex., uma maior biodiversidade)

63 % de todas as cidades estão adotando ações climáticas centradas nas pessoas, em que as pessoas são levadas em consideração nos estágios de avaliação, definição de metas, planejamento e implementação

Cidades que tomam medidas climáticas centradas nas pessoas identificaram sete vezes mais cobenefícios da ação climática do que as outras cidades (por exemplo, melhor proteção das pessoas em situações vulneráveis, melhor qualidade da água)

O que é uma ação climática centrada nas pessoas

Uma ação climática focada nas pessoas examina e leva em consideração suas necessidades como uma parte central dos estágios de avaliação, definição de metas, planejamento e implementação da ação. Ela oferece benefícios sociais, econômicos e ambientais, melhora a igualdade e a inclusão e assegura uma transição justa para uma economia de baixo carbono.

Organizações internacionais, do World Resources Institute ao Escritório das Nações Unidas para Redução de Riscos de Desastres e à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, avaliaram o termo, identificando seus aspectos principais.

Uma ação climática centrada nas pessoas:

- Identifica as populações vulneráveis com maior necessidade de suporte
- Analisa as experiências locais e as necessidades e capacidades de diferentes comunidades
- Envolve-se com as pessoas em um processo transparente e deliberativo
- Dá poder a grupos social e economicamente marginalizados
- Aproveita as lições aprendidas por quem enfrenta riscos climáticos, para oferecer estratégias de adaptação justas que trazem benefícios sociais e econômicos.

Ver página 15 para a definição de ação climática centrada nas pessoas que o CDP elaborou para este relatório.

O planeta

Como as populações das cidades são impactadas pelas mudanças climáticas

1

As cidades – e as pessoas que vivem nelas – estão na linha de frente das mudanças climáticas

Nunca foi tão urgente a necessidade de que as cidades adotem ações climáticas ousadas, tangíveis e eficientes para limitar o aquecimento a um aumento de 1,5 °C na temperatura.

Como cenário para as vidas de tantas pessoas – o lugar onde vivemos, trabalhamos e construímos comunidades – e como centros de inovação, criatividade e atividades econômicas, onde são feitos investimentos e onde o capital está centralizado, as cidades são uma peça fundamental no quebra-cabeças do combate às mudanças climáticas.

Isso acontece porque, apesar de cobrirem apenas 3% da superfície da Terra, as cidades são responsáveis por 70% das emissões globais de gases de feito estufa[3], e porque uma em cada duas pessoas no planeta (55% da população mundial) atualmente vive em uma cidade – um número que deve aumentar para 68% até 2050[4].

No entanto, os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por mais de 50% das emissões cumulativas, enquanto os 50% mais pobres da população são responsáveis por apenas 7% das emissões[5]. Embora as cidades estejam exercendo um impacto significativo para a redução das emissões globais, as desigualdades sociais também devem ser reduzidas por meio da ação climática, uma vez que as populações vulneráveis são as que mais sofrem impacto com as mudanças climáticas.

das emissões globais de gases de feito estufa por cidades

3. ONU-Habitat, Cities and Climate Change: Global Report on Human Settlements
4. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, 2018 Revision of World Urbanization Prospects
5. Oxfam, Confronting Carbon Inequality (2021)

O bem-estar das pessoas que vivem nas cidades é diretamente ameaçado pelas mudanças climáticas

Quatro em cada cinco cidades estão enfrentando perigos climáticos significativos em 2022, como:

46% Calor extremo

36% Chuvas intensas

35% Estiagens

33% Inundações urbanas

A extensão e a gravidade dos impactos das mudanças climáticas estão sofrendo um aumento acentuado. Os dados divulgados por 998 cidades ao CDP-ICLEI Track em 2022[6] demonstram a extensão das vulnerabilidades que os municípios atualmente enfrentam. Baseando-se nos dados no nosso relatório As cidades rumo a 2030, quatro em cada cinco cidades (80%) já mencionam enfrentar perigos climáticos significativos em 2022, como o calor extremo (46%), chuvas intensas (36%), estiagens (35%) e inundações urbanas (33%). Ao mesmo tempo, quase dois terços(64%) já sentem impactos significativos com os perigos climáticos.

Isso tem um efeito considerável para as populações urbanas do mundo, e quase um terço dos municípios (28%) reporta estar expostos a perigos climáticos significativos que ameaçam a ampla maioria – 70% – de sua população. Como 2022 já deixou claro, essas ameaças são numerosas, da perda de vidas e da destruição de propriedades aos danos nas infraestruturas e à perda de meios de subsistência. Os impactos desses perigos climáticos também não serão igualmente sentidos, e os grupos vulneráveis e marginalizados se encontram em uma situação de maior risco. Entre 2010 e 2020, o número de mortes por inundações, estiagens e tempestades foi 15 vezes mais alto em regiões altamente vulneráveis, se comparado com regiões de muito baixa vulnerabilidade[7].

Apesar das ações que já estão sendo realizadas por cidades de todo o mundo (ver mapa de estudos de casos), a intensidade e a frequência dos perigos climáticos também estão aumentando. Mais de três quintos dos municípios (62%) já estão enfrentando perigos climáticos que, segundo suas previsões, serão mais intensos no futuro, enquanto mais da metade (52%) prevê que esses perigos aumentem em frequência. Além disso, um quarto (25%) está enfrentando um perigo de alto risco, como o calor extremo, que, segundo suas previsões, deverá aumentar em intensidade e em frequência até 2025.

das cidades estão enfrentando perigos climáticos que, segundo suas previsões, deverão ser mais intensos no futuro

6. Em 16 de agosto de 2022
7. Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas, Sexto Relatório de Avaliação (Resumo para os Formuladores de Políticas) (2022)

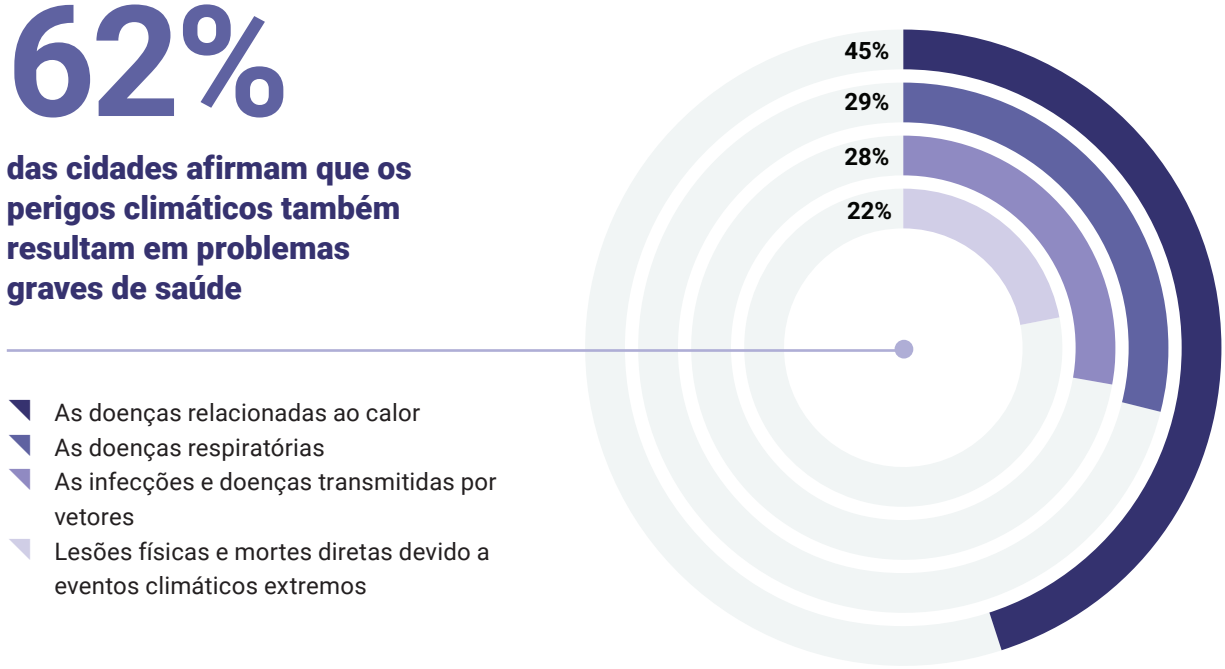
Saúde, economias e recursos atingidos pelas mudanças climáticas

À medida que a escala da crise climática cresce, também aumenta o risco para as pessoas. As populações que vivem nas cidades, em especial aquelas dos grupos mais vulneráveis, correm risco devido aos impactos das mudanças climáticas. Mais de três quartos (77%) já identificaram quem são os grupos mais expostos aos perigos climáticos: os idosos (64% das cidades), as famílias de baixa renda (64%), as crianças (52%), as comunidades marginalizadas e minorias (47%) e as pessoas com saúde vulnerável (38%). Por exemplo, as pessoas com deficiências têm mais probabilidade de sofrer os impactos dos desastres, já que os programas de prontidão e os sistemas de alerta precoce muitas vezes não são acessíveis e não são fornecidos em linguagem de sinais ou em mensagens de áudio[8]. Ao saber quais grupos sofrerão os maiores impactos, as cidades podem se assegurar de que sejam desenvolvidas soluções para dar um melhor suporte para essas comunidades.

Quase dois terços das cidades (62%) afirmam que os perigos climáticos também resultam em problemas graves de saúde[9], sendo os mais significativos as doenças relacionadas ao calor (45% das cidades), as doenças respiratórias (29%), as infecções e doenças transmitidas por vetores (28%) e lesões físicas e mortes diretas devido a eventos climáticos extremos (22%).

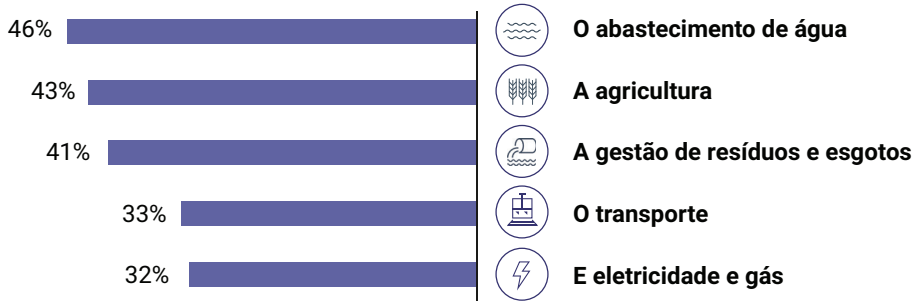
62%

das cidades afirmam que os perigos climáticos também resultam em problemas graves de saúde



8. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, Disability, Displacement and Climate Change (2021)
9. O CDP, em colaboração com a Organização Mundial da Saúde, desenvolveu os retratos de seis cidades, no que diz respeito aos perigos das mudanças climáticas e aos riscos para a saúde relacionados. Nos Perfis de Saúde Urbana, estão presentes Acra (Gana), Glasgow (Reino Unido), Indianápolis e Washington, D.C. (Estados Unidos), o Condado de Kisumu (Quênia) e Quito (Equador)

Enquanto isso, o risco aos meios de subsistência das comunidades– sua situação econômica, sua segurança profissional e seu acesso a recursos – também está aumentando com a ameaça que o aquecimento do planeta impõe às economias e às sociedades em todo o mundo. Em 2022, quase três em cada quatro cidades (72%) identificaram riscos devido aos perigos climáticos que ameaçam recursos essenciais, como o abastecimento de água (46% das cidades), a agricultura (43%), a gestão de resíduos e esgotos (41%), o transporte (33%) e eletricidade e gás (32%).



Crédito fotográfico: Kompas/Hendra A Setyawan / World Meteorological Organization

As pessoas

Colocar as pessoas no centro da ação climática

2

Quando uma cidade coloca as pessoas no centro da sua ação climática, ela nota mais benefícios.

Adaptar-se aos efeitos em constante crescimento das mudanças climáticas, mitigar seu impacto e proteger as pessoas, a infraestrutura e as economias que fazem uma cidade funcionar deve ser a maior prioridade de qualquer administração municipal. Ao mesmo tempo, elas também podem abordar a desigualdade social, tornando igualitária a sua ação climática. Com uma previsão de que até 132 milhões de outras pessoas serão empurradas para a pobreza extrema até 2030 por causa das mudanças climáticas[10], focar nas pessoas como resposta ao problema levará a uma política sob medida para essa finalidade. De fato, o relatório mais recente do IPCC afirma que "a ação de mitigação das mudanças climáticas projetada e conduzida no contexto do desenvolvimento sustentável, da igualdade e da erradicação da pobreza, e enraizada nas aspirações de desenvolvimento das sociedades dentro das quais elas têm lugar, será mais aceitável, durável e eficiente"[11].

10. Banco Mundial, Revised Estimates of the Impact of Climate Change on Extreme Poverty by 2030 (2020)
11. Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas, Sexto Relatório de Avaliação (Resumo para os Formuladores de Políticas) (2022)

O que as cidades estão fazendo para enfrentar as mudanças climáticas?

65%

das cidades estão realizando ações de redução das emissões

61%

das cidades estão realizando ações de adaptação

55%

das cidades também realizaram uma avaliação de riscos e vulnerabilidade climáticos

46%

dos municípios definiram metas de redução de emissões em escala municipal

Os impactos das ondas de calor, das inundações e dos eventos climáticos extremos sofridos pelas cidades são exacerbados pela concentração das pessoas que vivem e trabalham nelas. Infelizmente, já houve exemplos demais desses fenômenos em 2022 – do calor extremo de verão visto em diversas cidades da Europa às piores inundações da História do Paquistão e à destruição em massa causada pelo deslizamento de terra de Petrópolis, no Brasil, que causaram, todos eles, diversas mortes.

No entanto, as cidades também se encontram no centro das soluções, por meio de uma ação climática tangível, significativa e eficiente. O primeiro passo para a ação é medir o problema, o que é feito por meio do reporte de dados ambientais, por exemplo, pelo CDP-ICLEI Track. Quase três em cada cinco cidades que fazem o reporte (55%) também realizaram uma avaliação de riscos e vulnerabilidade climáticos (ARVC), enquanto 60% dispõem de um inventário de emissões. Isso é essencial para ajudar as cidades a adotar ações centradas nos seus habitantes, uma vez que as cidades com ARVCs detalhadas identificaram as pessoas que correm o maior risco. Assim, elas podem realizar políticas sob medida para assegurar que o preço não seja arcado por aqueles menos favorecidos, como comunidades marginalizadas ou de baixa renda.

Definir metas de redução de emissões e desenvolver planos para se adaptar às mudanças climáticas é o próximo passo importante da jornada de ação climática de uma cidade. Quase metade dos municípios (46%) definiram metas de redução de emissões em escala municipal, enquanto 52% de um plano de mitigação e 45% de um plano de adaptação. Passando para a questão da implementação, mais de três em cada cinco (61%) estão realizando ações de adaptação, enquanto quase dois terços (65%) estão realizando ações de redução das emissões.

Além de reduzir as emissões, as cidades identificam benefícios adicionais (cobenefícios) importantes ao adotar ações climáticas[12]:

- Quase dois terços das cidades (62%) reportaram cobenefícios para a saúde pública, como uma redução nos impactos sanitários relacionados a desastres, doenças e contaminações (49% das cidades), uma melhor qualidade do ar (41%) e um maior bem-estar mental (33%)
- Mais de três em cada cinco cidades identificaram benefícios sociais (62%) e econômicos (61%), como uma redução nos custos (45% das cidades), a geração de empregos (41%), uma maior segurança energética (39%), uma maior inclusão social (36%) e uma maior segurança e proteção para as populações pobres e vulneráveis (36%)
- Mais de metade das cidades (55%) notou benefícios ambientais adicionais, como a proteção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos (os efeitos diretos e indiretos que os ecossistemas exercem para o bem-estar e a qualidade de vida) (38% das cidades) e um aumento nas áreas verdes (33%).

12. Para obter mais informações, consulte The Co-Benefits of Climate Action: Accelerating City-level Ambition, CDP (2020)

Como é uma ação climática centrada nas pessoas?

Uma ação climática centrada nas pessoas examina e leva em consideração suas necessidades como uma parte central dos estágios de avaliação, definição de metas, planejamento e implementação da ação. Ela identifica as populações vulneráveis que mais precisam de suporte, analisa as experiências locais e as necessidades de diferentes comunidades e se envolve com elas para aprender as lições de quem enfrenta os riscos climáticos e para apresentar estratégias de adaptação justas que trazem benefícios sociais e econômicos. Além disso, ela tem o benefício adicional de transformar a cidade em um local mais atraente para se viver, trabalhar e investir.

Para este relatório, definem-se as cidades que adotam uma ação climática centrada nas pessoas como aquelas que, ao abordar as mudanças climáticas, realizam um ou mais dos seguintes itens, conforme reportado por meio do CDP-ICLEI Track:

- Levar em consideração as populações vulneráveis, a segurança hídrica e/ou a natureza nas suas avaliações de riscos e vulnerabilidades climáticos (ARVCs)
- Ter um objetivo ou uma meta de adaptação que aborde a pobreza energética/acesso à energia, o transporte, o lixo, a água, a agricultura, silvicultura e outros usos da terra, os alimentos e/ou a qualidade do ar
- Ter um plano de ação climática que aborde o acesso à energia e/ou a pobreza energética
- Envolver a sociedade civil (os cidadãos, os grupos vulneráveis, as ONGs etc.) no planejamento da ação climática

Dentre as cidades que fizeram seus reportes por meio do CDP-ICLEI Track em 2022, 63% estão adotando uma ação climática centrada nas pessoas, com base na nossa definição.

63%

das cidades que divulgaram informações por meio do CDP-ICLEI Track em 2022 estão realizando ações climáticas centradas nas pessoas

Por exemplo, quase dois quintos das cidades (39%) levam em conta as populações vulneráveis nas suas ARVCs, enquanto um terço (33%) leva a segurança hídrica em consideração, e quase metade (45%) se envolve com a sociedade civil (por ex., organizações beneficentes, ONGs, grupos de cidadãos etc.) no planejamento da sua ação climática **(ver o estudo de caso de Chicago)**.

das cidades se envolve com a sociedade civil

das cidades levam em conta as populações vulneráveis nas suas ARVC

das cidades leva a segurança hídrica em consideração

Contudo, é importante reconhecer que nem todas as cidades conseguem facilmente adotar uma ação climática centrada nas pessoas, tanto no Hemisfério Norte quanto no Sul. Da falta de recursos aos legados históricos que implicam desigualdades estruturais e circunstâncias negativas[13], existem obstáculos para que isso ocorra em muitas cidades de todo o mundo. Por exemplo, as comunidades de minorias étnicas têm uma maior probabilidade de sofrer de problemas de saúde pré-existentes e baixas condições de vida do que suas contrapartes. A falta de poder e representação nos sistemas político e econômico também faz com que seja mais difícil para essas comunidades adquirir resiliência climática, se preparar e responder a eventos extremos resultantes das mudanças climáticas[14]. Assim, é essencial que, agora, as pessoas sejam colocadas no centro da implementação das ações, para levar a um planeta melhor para todos **(veja o estudo de caso de Atenas)**.

13. BBC, A Fair Climate, Who will pay for the damage caused by climate change? (2021)
14. Forbes, How Communities of Color are hurt most by Climate Change (2021)

Vantagens de uma ação climática centrada nas pessoas

Quase todas as cidades que adotam ações climáticas centradas nas pessoas (95%) identificaram cobenefícios a partir dos seus esforços climáticos, um número significativamente superior à média global das cidades (74%). As cidades com ações climáticas centradas nas pessoas também identificaram sete vezes mais cobenefícios do que as outras cidades.

Nossos dados demonstram que:

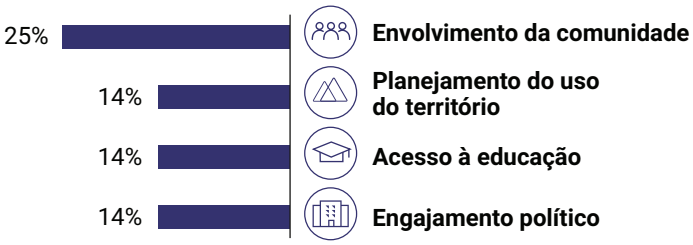
- **85 %** das cidades que adotam ações climáticas centradas nas pessoas reportaram benefícios para a saúde pública, incluindo melhorias na qualidade do ar e na saúde física e mental, derivados da ação climática **(veja o estudo de caso de Hermosillo)**
- **85 %** dessas cidades identificaram benefícios sociais, como uma maior segurança alimentar e hídrica e uma maior proteção para populações vulneráveis, resultantes da ação climática **(veja o estudo de caso da Cidade de Goyang)**
- **84 %** dessas cidades notaram benefícios econômicos, de uma redução nos custos a um aumento na produtividade e na inovação comercial, derivados da ação climática. Além disso, as cidades que adotam ações climáticas centradas nas pessoas têm cinco vezes mais probabilidade de notar a geração de empregos como um cobenefício da ação climática **(veja o estudo de caso de Dar es Salaam)**
- **75 %** dessas cidades reportaram benefícios ambientais, como mais áreas verdes na cidade ou uma melhor qualidade da água e do solo, resultantes da ação climática **(veja o estudo de caso de Auckland)**

As cidades que adotam uma abordagem das mudanças climáticas centrada nas pessoas também realizam

mais ações climáticas do que a média.

Fatores de suporte para as cidades que adotam ações climáticas

As cidades que adotam uma abordagem de ação climática centrada nas pessoas identificam uma série de fatores que dão suporte à sua capacidade de se adaptar às mudanças climáticas:



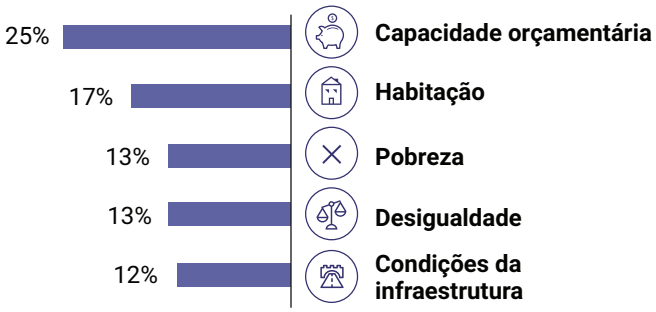
Isso demonstra que incluir ativamente as pessoas nos processos de tomada de decisões por meio do engajamento e da educação e fazer com que elas participem dos diálogos sobre a resposta de uma cidade às mudanças climáticas pode ajudar a assegurar que elas estejam no cerne de qualquer ação adotada.

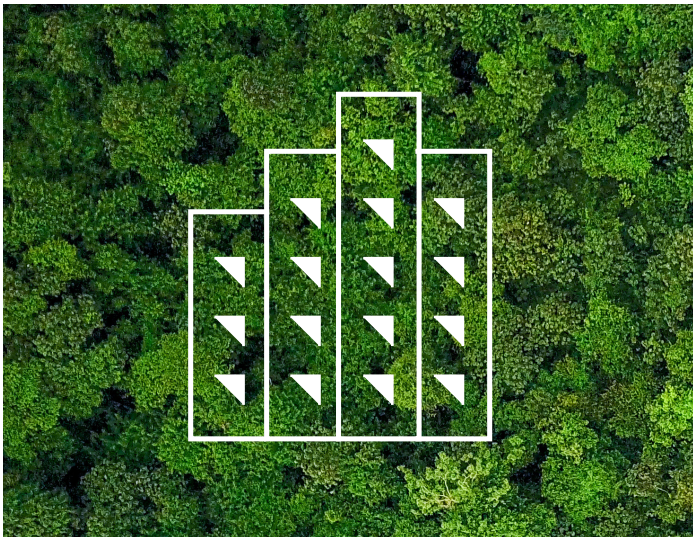
Um maior suporte do governo nacional é outro pilar essencial, necessário para que as cidades deem um passo fundamental nas suas ações climáticas, mais especificamente: atender às suas metas de redução das emissões. Por exemplo, uma em cada cinco cidades diz que sua meta está condicionada:

- À descarbonização da rede elétrica, que está fora do controle direto da administração da cidade (20% das cidades)
- À mitigação nas fontes de emissões controladas por uma organização privada fora do controle direto da administração da cidade (20% das cidades)
- Ao fornecimento de financiamentos nacionais para a infraestrutura (geração de energia renovável, medidas de eficiência energética etc.) (20% das cidades)
- À implementação completa da legislação, regulamentação e/ou política definidas por um nível superior de governo (19% das cidades)

Ainda assim, todas as cidades enfrentam obstáculos para aprofundar sua ação climática.

57% das cidades mencionaram fatores que desafiam sua capacidade de se adaptar às mudanças climáticas. Os fatores mais comuns são:





Para enfrentar esses obstáculos, é importante compreender como esses problemas estão intrinsecamente conectados. Se, por um lado, isso faz com que seja mais complicado enfrentar esses problemas, por outro, também abre novas oportunidades para adotar ações igualitárias e inclusivas que não só beneficiarão as pessoas, mas também o planeta.

Estudos de casos

3

Para a lista completa de cidades que fizeram o reporte dos seus dados ambientais por meio do CDP-ICLEI Track em 2022, visite o Portal de Dados Abertos do CDP.

Chicago, Estados Unidos

Planejar a ação climática junto da comunidade

Ao desenvolver seu Plano de Ação Climática (CAP), a cidade de Chicago se envolveu com mais de 2.100 residentes de quase todas as suas 77 áreas comunitárias. A cidade criou uma pesquisa de opinião que abrangia os quatro objetivos do CAP – energia 100% renovável, o aumento das economias das famílias, o progresso da justiça ambiental e a melhoria da saúde da comunidade – em que os participantes classificavam o nível de importância de potenciais abordagens e resultados ao se atingirem esses objetivos.

Uma outra pesquisa de opinião foi desenvolvida para descobrir como os cidadãos de Chicago avaliavam 10 significativos resultados climáticos. Tendo US$ 100 para gastar nesses 10 resultados climáticos, os participantes tinham a tarefa de financiar os resultados que mais melhorariam sua qualidade de vida. Os resultados priorizaram uma melhor qualidade do ar, com uma redução na poluição, e o melhor acesso a uma energia renovável barata e confiável. As respostas das pesquisas influenciaram diretamente a seleção das ações do CAP de 2022, priorizando iniciativas que ofereceriam os maiores benefícios para a comunidade. A cidade também lançou um Grupo de Trabalho de Igualdade Ambiental (EEWG), que reúne grupos locais da linha de frente e de justiça ambiental para influenciar no planejamento e no desenvolvimento das políticas. O EEWG foi uma parte essencial do desenvolvimento do CAP, oferecendo uma lente para a justiça ambiental e para o impacto local no processo de planejamento.

Parque Lincoln, Chicago

Estados Unidos

Hermosillo, México

Proteger a saúde pública

"Em contato com sua saúde" é um programa criado para melhorar a qualidade de vida dos habitantes da cidade de Hermosillo. Entre suas atividades, estão a prevenção, a detecção e o tratamento de doenças e o treinamento em higiene, nutrição saudável, gestão do lixo e reciclagem. O foco principal do programa são os bairros pobres, que estão entre os mais vulneráveis às mudanças climáticas e aos impactos da poluição, da erosão do solo, das inundações e do calor.

Uma vez que o plantio de árvores é um dos modos mais eficientes de reduzir os níveis de dióxido de carbono atmosférico, os participantes recebem árvores endêmicas para plantar em casa, com 1.200 unidades já entregues. A cidade também entrega o lixo inorgânico para pessoas em situação de extrema pobreza (400 famílias), que, então, o vendem às empresas de reciclagem.

América Latina

Atenas, Grécia

Empoderamento das pessoas para que realizem uma ação climática

A capital da Grécia está aumentando a resiliência da sua infraestrutura verde por meio do engajamento público. Os habitantes da cidade podem adotar árvores urbanas recém-plantadas e regá-las, em especial durante o verão (que é um período de estiagem no clima mediterrâneo). A cada ano, a cidade de Atenas planta cerca de 600 novas árvores, que precisam ser regadas 3 a 4 vezes por semana, para sobreviverem ao clima do verão. Mas, com as altas temperaturas e as medidas de proteção contra incêndios, Atenas perde de 10 a 40% das suas árvores recém-plantadas durante este período.

Por meio do projeto “Adote uma Árvore” no aplicativo para smartphones “novoville” (que também é uma plataforma por meio da qual as pessoas podem se comunicar facilmente com a administração municipal), cerca de 300 árvores recém-plantadas são postas para a adoção todos os anos. Este projeto teve início em 2019 como piloto, e a cidade ganhou um Golden Award por esta ação contra as mudanças climáticas no prestigioso Best City Awards de 2021

Atenas, Grécia

Dar es Salaam, Tanzânia

Criar espaços saudáveis e gerar empregos

Dar es Salaam construiu um muro de retenção do mar em concreto para evitar que as ondas do oceano causassem a erosão da praia. No total, 1.180 metros de muros foram construídos no mar, no esforço da cidade de se adaptar às mudanças climáticas, o que permitiu que a praia se recuperasse, sem mais erosão costeira. Agora, os residentes da cidade utilizam essa área para recreação, e nela, foram fundadas pequenas empresas, oferecendo novas fontes de renda para jovens e mulheres. O muro ajudou a tornar a área mais bela, e novas árvores contribuirão para o ambiente verde da cidade. Do ponto de vista da mitigação, a presença de uma bela praia facilmente acessível a partir do centro da cidade agora permite que os residentes passem mais tempo em uma área naturalmente arejada, reduzindo, assim, seu uso do ar condicionado em casa.

Dar es Salaam, Tanzânia

África

Cidade de Goyang, Coreia do Sul

Proteger os grupos vulneráveis

A Cidade de Goyang pôs em vigor diversas medidas para gerenciar os efeitos das ondas de calor para os grupos vulneráveis. Cerca de 12 mil pessoas em situação de vulnerabilidade, como pessoas com deficiências e idosos que vivem sozinhos, usam dispositivos inteligentes para verificar a segurança em tempo real. Ao todo, 731 residências com idosos em situação de vulnerabilidade instalaram equipamentos de segurança que podem responder rapidamente a situações de emergência. Além disso, 145 lares receberam equipamentos que detectam alterações na temperatura, na umidade e na iluminação.

Crédito fotográfico: BJ Warnick / Alamy

A cidade instalou ainda uma "Rua com Resfriamento e Limpeza" em frente à Estação de Hwajeong, com aspersores de água para resfriar a rua durante as ondas de calor, e instalou 49 fontes ao ar livre. Ela ainda projetou 161 abrigos cobertos e 28 ao ar livre, para oferecer descanso do calor escaldante, inclusive em torno do Centro de Idosos e do Centro de Suporte a Startups Femininas de Goyang (implantado este ano). A cidade também instalou um toldo de 100 metros de comprimento, que permite que as pessoas se movimentem com mais conforto e conveniência, e 615 coberturas em forma de para-sóis ao ar livre, instalados nas principais intersecções e percursos para pedestres.

Auckland, Nova Zelândia

Melhora da qualidade de água

O Te Whakaoranga o Te Puhinui é um programa de regeneração que tem como foco o antigo córrego de Te Puhinui, em Auckland. A má qualidade da água, o acúmulo de lixo, o escoamento de resíduos industriais e uma engenharia desatualizada flagelam a história recente do córrego, que tem um rico legado geológico, ecológico e humano, e seu frágil ecossistema. Com a liderança da Eke Panuku, um amplo leque de parceiros, incluindo a iwi Te Waiohua (Ngāti Te Ata, Ngāti Tamaoho e Te Ākitai Waiohua), a Kāinga Ora, conselhos locais e a Câmara de Auckland, buscou trabalhar com a comunidade para criar uma estratégia e assegurar que seu investimento na captação estivesse estrategicamente alinhado, fosse holístico e criasse uma transformação para o bem-estar das pessoas, do local e da natureza do Te Puhinui.

A Estratégia de Regeneração do Puhinui foi ratificada por meio do Estatuto Te Whakaoranga o Te Puhinui – potencialmente o primeiro acordo e o primeiro reconhecimento do mundo à colaboração e ao respeito mútuo entre todos os signatários – e aborda as mudanças climáticas em uma série de áreas, ao mesmo tempo que demonstra os benefícios de se trabalhar em parceria com os povos indígenas para responder aos desafios.

Córrego de Te Puhinui, Auckland, Nova Zelândia

Crédito fotográfico: Qiane Matata-Sipu

Oceania

Chamadas para a ação

4

A análise do CDP demonstra que as cidades precisam identificar com quem colaborar e colocar as pessoas no coração das suas ações climáticas, desde sua formulação até sua implementação.

Nossos relatórios anteriores, As cidades rumo a 2030 e Trabalhar juntos para combater a crise climática, sublinhavam ações que as cidades devem adotar para acelerar sua ação climática e com quem elas devem trabalhar para realizá-las.

Este relatório se baseia nessas recomendações e encoraja todas as cidades a incluir as pessoas – em especial as populações vulneráveis – no desenvolvimento e na execução das suas ações climáticas.

Para medir e gerenciar seu impacto climático, as cidades devem:

Definir metas climáticas baseadas na ciência, o que inclui uma meta intermediária, e desenvolver um plano de ação climática para dar suporte à implementação das metas.

As cidades devem realizar uma avaliação de riscos e vulnerabilidade climáticos (ARVC) para identificar os riscos climáticos e criar um plano de adaptação para gerenciá-los.

Para oferecer ações climáticas eficazes e inclusivas, as cidades devem:

Identificar com quem trabalhar para realizar uma ação climática tangível e eficiente.

Colocar as pessoas no cerne da ação climática.

Colocar as pessoas, em especial os grupos vulneráveis, no cerne das decisões sobre a ação climática – desde a avaliação até a implementação – melhora vidas, traz mais cobenefícios e permite melhores decisões para a igualdade e o futuro crescimento. As cidades podem, por exemplo:

- Realizar uma ARVC que leve em consideração as populações vulneráveis
- Ter um objetivo ou uma meta de adaptação que aborde problemas fundamentais, como a pobreza energética, a água, os alimentos e a qualidade do ar
- Usar seu inventário de emissões para entender melhor para onde e para quem as medições de redução das emissões devem estar direcionadas
- Consultar a sociedade civil durante o planejamento da ação climática e desenvolver planos com uma abordagem colaborativa
- Entender as experiências e as necessidades locais incluindo ativamente as pessoas nos processos de tomada de decisões por meio do engajamento e da educação
- Usar seus poderes formais e sua influência para defender uma ação climática inclusiva e igualitária para atender às necessidades das pessoas.

Autores e editores do relatório:

Amy Bills, Beth Mackay, Chang Deng-Beck, George Bush, Maia Kutner, Rachel Carless, Simeran Bachra

A equipe do CDP para Cidades, Estados e Regiões:

Achilleas Vryniotis, Amy Bills, Arminel Lovell, Beth Mackay, Chang Deng-Beck, Chiara Poulteney, Chris Dixon O'Mara, Karishma Kashyap, Laura Gordon, Laura Parry, Maia Kutner, Nienke Meinsma, Rachel Carless, Tim Hendry

Ásia e Oceania:
Eriko Yamashita, Hanah Paik, Haryono Sirait, Jyoti Yadav, Sandy Morris, Taisuke Yasumuro

Europa, Oriente Médio e África:
Afroditi Mathioudaki, Barbara Pilz, Emilie Becault, Étienne Métais, Helena Fazeli, Lea Busch, Lucy Latham, Marta Vescovi, Ravina Singh

América Latina:
Andreia Banhe, Guilherme Ponce, Hannah Corina Lemos Correia e Silva, Maria Clara Nascimento, Paola Bernal

América do Norte:
Alexandra Hill, Eda Kosma, Enzo Repetto, Idan Sasson, Juliana Tedeschi, Katie Walsh, Katherine Camp, Lila Asher, Matina Granieri, Naina Chawla, Richard Freund

Comunicações, Design e Mídia:

Dan Hanson, Emily Peddle, George Bush, Henry Fogarty, Jennifer Robinson, Sarah Leatherbarrow, Thomas Winward

Agradecimentos especiais aos antigos membros da equipe do CDP para Cidades, Estados e Regiões:

Emily Dahl, Gayaneh Shahbazian, Justyn Huckleberry, Kyra Appleby, Laurie Kerr, Maggie Sun, Michael Mullaley, Roger Choi, Sandra Swanson

Consultor de Igualdade Climática:

Simeran Bachra at Anthesis

Para obter mais informações sobre a divulgação anual, visite a página de Cidades do nossos site. Em caso de dúvidas, visite o Centro de Assistência do CDP Página Inicial – Centro de Assistência do CDP

Para consultas de mídia, entre em contato com media@cdp.net

Os dados deste relatório foram coletados em uma parceria entre o CDP e o ICLEI – Governos Locais para a Sustentabilidade.

Agradecimentos:
Maryke van Staden, Alyssa Chenault, Einav Grinberg

CDP Worldwide
4th Floor
60 Great Tower Street
London EC3R 5AD
Tel: +44 (0) 20 3818 3900
climate@cdp.net
www.cdp.net